

## INTERVALO PARA TODOS OS PRESOS COMUNS

Perante o aumento considerável da "criminalidade", também a classe dos escravos assalariados, tem reagido de uma maneira irracional, contra os fatores dos chamados delitos comuns. Resignados com a sua condição de deserdados e de explorados pelo patronato e o Estado e não compreendendo ou não querendo ver, que a causa mais profunda da "criminalidade" é a mesma que determina a sua situação social.

Assim mostram-se indiferentes perante o sofrimento atroz dos milhares de presos, na sua grande maioria jovens das camadas sociais mais miseráveis, que encham, hoje, as cadeias em Portugal.

Este estado de espírito leva a justificarem a existência de autoridade permitindo à polícia cometer actos criminosos do género do assassinio do advogado do Sindicato da Função Pública em Monsanto.

Em nossa opinião a razão da "criminalidade" não está na personalidade, nem nas características biológicas dos chamados criminosos, mas, sim, na própria natureza opressiva da actual organização social. Numa sociedade de privilégios, numa sociedade dividida em governantes e governados, exploradores e explorados, proprietários e expropriados, numa sociedade geradora de situações de miséria extrema e numa sociedade em que o desenvolvimento económico vem destruindo todos os laços de solidariedade e de cooperação entre os homens, fazendo imperar nas relações sociais a lei da selva, a chamada "criminalidade" é inevitável e não pode deixar de alastrar. São as condições sociais em que vivem os indivíduos que fazem destes "criminosos".

É a sociedade no seu conjunto que é criminosa. Aliás, os actos que os códigos consideram crimes não são nada comparados com o crime legalizado que a todo o momento se pratica na sociedade: o roubo do produto do trabalho dos proletários feito pelos capitalistas e pelo Estado, as guerras exterminadoras que os Estados levam a cabo, os impostos que os camponeses, operários e outros trabalhadores pagam para alimentar os parasitas que constituem a burocracia estatal, a acção destruidora da indústria moderna, a repressão que a hierarquia militar exerce nos quartéis sobre os

solidades, a falcatruca feitas por pessoas cuja posição social as torna intocáveis e as acções ilegais em que a própria polícia, directa ou indirectamente, está envolvida. Referimo-nos, por exemplo, à fuga ilegal de capitais para o estrangeiro, incomparavelmente superior ao montante do dinheiro secado aos Bancos por assaltantes.

Para nós, é uma atitude contrarrevolucionária a dos trabalhadores portugueses que esquivando o problema do desemprego se revoltam contra os fautores dos "delitos comuns", em vez de se revoltarem contra a causa que versa todos os crimes: o sistema social na sua totalidade.

Seria espantoso que o Estado, o gerador e o defensor do privilégio social, portanto, a causa de todos os crimes, fosse, simultaneamente o remédio para elas.

Como não há deuses nem santos, os polícias, sendo homens como os outros e dispendo de poder, ainda são mais criminosos.

SOLIDARIEDADE PARA COM OS PRESOS COMUNS:

FIM À REPRESSÃO:

DESTRUAMOS TODAS AS BASTILHAS:

A LIBERDADE NÃO É UMA DÁVIDA QUE SE ACEPTE PASSIVAMENTE, MAS ANTES UM DIREITO QUE SE ADQUIRE LUTANDO:

FRGO AOS FICHEIROS DA PIDE E SERVIÇOS DE INFORMAÇÕES:

LIBERDADE PARA RUI GOMES E TODOS NÓS:

Julho de 1977

UNIÃO LIBERTÁRIA DE COIMBRA